

Perfil dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família e sua relação com o trabalho em um município do interior do Tocantins - Brasil

Profile of nurses in the Family Health Strategy and their relationship with work in a city in the interior of Tocantins - Brazil

Rogério Carvalho de Figueredo¹, Roxana Isabel Cardozo Gonzales², Eduarda Signor³

RESUMO

O perfil do profissional enfermeiro, vem historicamente, sendo submetido à constantes modificações, que se relacionam com as condições econômicas, educacionais, políticas e ideológicas da sociedade em seus respectivos períodos. Objetivou-se descrever as características sociodemográficas dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família, contemplando sua trajetória de formação e atuação profissional, refletindo sobre as possíveis influências na Atenção Primária em Saúde (APS). Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem quantitativa e qualitativa. Teve como população de estudo 20 (vinte) enfermeiros da ESF do município Paraíso do Tocantins, TO, Brasil. Para coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado. Observou-se a predominância do sexo de nascimento feminino (85%), e uma força de trabalho jovem quanto a idade. Acerca da formação, destaca-se o elevado quantitativo de enfermeiros que possuem pós-graduações, principalmente em áreas distintas à sua área de atuação. Sobre experiência profissional e afinidade ao seu campo de atuação os dados mostram que 55% atuaram predominantemente na APS e 50% se afeiçoam a esse nível de atenção à saúde. Diante da análise dos dados, percebe-se discrepância acerca do perfil profissional e as premissas da APS, principalmente quanto as áreas de especialização e de afinidade dos profissionais. Podendo assim, interferir potencialmente nos serviços de saúde oferecidos.

Palavras-chave: Atenção Primária em Saúde. Estratégia Saúde da Família. Recursos humanos.

ABSTRACT

The profile of professional nurses has historically been subjected to constant changes, which are related to the economic, educational, political, and ideological conditions of society in their respective periods. The objective was to describe the sociodemographic characteristics of nurses in the Family Health Strategy, contemplating their trajectory of training and professional performance, reflecting on the possible influences on Primary Health Care (PHC). This is descriptive research, with a quantitative and qualitative approach. The study population was 20 (twenty) nurses from the FHS from the municipality of Paraíso do Tocantins, TO, Brazil. For data collection a structured questionnaire was used. There was a predominance of female births (85%), and a young workforce in terms of age. Regarding training, there is a high number of nurses who have graduate degrees, especially in areas other than their area of expertise. Regarding professional experience and affinity to their field, the data show that 55% worked predominantly in the PHC and 50% are attached to this level of health care. In view of the data analysis, a discrepancy can be seen about the professional profile and the premises of the PHC, especially regarding the areas of specialization and affinity of the professionals. Thus, potentially interfering with the health services offered.

Keywords: Primary Health Care. Family Health Strategy. Human Resources.

¹ Enfermeiro. Doutorando em Enfermagem. Mestre em Ciências da Saúde. Universidade Federal de Goiás - UFG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3349-4812>

E-mail: rigoh1@live.com

² Enfermeira. Doutora e Mestra em Enfermagem em Saúde Pública. Universidade Federal de Goiás - UFG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7180-897X>

³ Enfermeira. Doutoranda e Mestra em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas - UFPel. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6922-1555>

1. INTRODUÇÃO

Considerada como estratégia de organização e porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), a Atenção Primária em Saúde (APS) tem como premissa ordenar os serviços de atenção à saúde, além de gerir os recursos disponíveis, conforme a realidade e características da comunidade e seu território, com vistas a prevenir agravos e promover saúde (MENDES, 2019).

A Estratégia Saúde da Família (ESF), tornou-se a principal responsável para a mudança do modelo assistencial, ampliando e facilitando o acesso dos usuários no SUS. Tida como eixo ordenador de práticas da APS no Brasil, tem como principal objetivo garantir assistência resolutiva aos problemas de saúde da população brasileira, evitando as hospitalizações desnecessárias. Com isso, seu foco de assistência é voltado para prevenção de agravos e promoção da saúde (JUNIOR et al., 2018).

Nesse contexto de atuação do enfermeiro, a sua formação profissional vem historicamente sendo submetida à constantes modificações para contemplar as premissas da APS. E essas modificações se relacionam com as condições econômicas, políticas e ideológicas da sociedade em seus respectivos períodos. No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, a enfermagem vem se destacando no setor saúde, por constituir a maior força de trabalho na área, pela ampliação das áreas de atuação e pelas constantes lutas da classe por valorização e reconhecimento (DUARTE, VASCONCELOS, SILVA, 2016). E no âmbito da APS, por sua essência de base e coordenadora do cuidado no SUS, este profissional possui grande importância e potencial de contribuição.

Atualmente a APS enfrenta diversos problemas relacionados à formação em saúde e seus reflexos nessa vertente do mercado de trabalho, entre eles: a inadequação dos profissionais ao sistema, a dificuldade para o desenvolvimento de práticas promotoras de saúde e prevenção de riscos, agravos e doenças; além da defasagem do ensino majoritariamente tradicional e da grande expansão da oferta de cursos na rede privada de ensino. Todas essas debilidades na formação dos profissionais da saúde, principalmente dos enfermeiros por constituírem a maior mão de obra entre as categorias, fragilizam o processo de implantação e desenvolvimento das políticas públicas de saúde, pois exige do profissional, sensibilidade ao enxergar seu território sanitário com todas as suas peculiaridades (MACHADO, NETO, 2018).

Além das habilidades técnicas assistenciais e administrativas, as mudanças que o perfil profissional perpassa no decorrer dos anos, tem exigido diferenciais, relacionados a

habilidades emocionais e sociais dos enfermeiros, tanto para sua atuação assistencial como gerencial, entre elas: a comunicação, a assertividade, a empatia, a civilidade, a capacidade de expressar sentimentos positivos, entre outras (MARINHO, 2018).

Para a categoria profissional de enfermagem, a reformulação da sua identidade garante maior reconhecimento da profissão, e valorização do enfermeiro em suas atividades de assistência, educação, gerência e pesquisa. Assim, descentraliza o modelo biomédico do processo de cuidar, e o retira do posto de assistente do médico. Enquanto gestor na APS, o enfermeiro estimula a integração multiprofissional como líder, dando maior visibilidade à profissão e melhores práticas à comunidade. Esse protagonismo garante uma atuação baseada nas realidades locais e na reorganização das atividades com foco para a qualidade na atenção à saúde (SODER et al. 2018).

Assim, este artigo objetivou descrever as principais características sociodemográficas, da trajetória de formação e atuação profissional dos enfermeiros da ESF de um município do interior do Tocantins, Brasil, refletindo sobre as possíveis influências na APS.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva de abordagem quantitativa e qualitativa. Para sua realização foram tomados procedimentos éticos respaldados à resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas – TO (FESP), mediado pela Plataforma Brasil, sob parecer número 3.701.233 CAEE: 20710419.6.0000.9187.

A pesquisa foi realizada nas dependências das Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF) do município de Paraíso do Tocantins, Tocantins, Brasil; no período de novembro de 2019 a abril de 2020.

A população deste estudo foi composta por enfermeiros da Atenção Primária em Saúde que atuassem no âmbito da Estratégia Saúde da Família no município de Paraíso do Tocantins – TO. A amostra foi constituída por 20 (vinte) enfermeiros, e definida por conveniência considerando o local de estudo.

Adotou-se como critério de inclusão, enfermeiros de ambos os gêneros, com idade mínima de 21 anos, que atuassem em UBSF há pelo menos 3 (três) meses, que concordassem em participar e assinassem o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. Foram excluídos os profissionais que não eram enfermeiros, que não tinham

concluído seus respectivos cursos de formação profissional, que não atuassem na APS, e todos aqueles que não contemplaram os critérios de inclusão ou não aceitaram participar.

A coleta de dados junto aos enfermeiros foi realizada pelo pesquisador responsável, primeiramente por uma apresentação do projeto de pesquisa a partir do TCLE, seguida pela coleta das assinaturas dos termos e finalizada com a aplicação de um questionário estruturado contendo 10 (dez) questões.

Os dados coletados foram analisados na perspectiva quantitativa por meio de cálculos de porcentagem simples, representados em tabelas, e discutidos teoricamente com auxílio de referenciais bibliográficos, com o objetivo de compreender os resultados encontrados. A análise descritiva se deu por frequências relativas (%) e absolutas (n). Utilizou-se como método qualitativo a análise crítica, abrangendo problematização dos dados, leitura interpretativa de bibliografia relacionada e construção própria e conceitualmente fundamentada do assunto.

3. RESULTADOS

O questionário foi aplicado junto a 20 (vinte) enfermeiros e quanto ao perfil dos participantes os resultados estão descritos na tabela 1.

Tabela 1: Sexo de nascimento, faixa etária e cursos de formação e aprimoramento profissional dos enfermeiros da ESF de Paraíso do Tocantins, Tocantins, Brasil.

Características	N	%
Sexo de nascimento		
Feminino	17	85
Masculino	3	15
Faixa etária		
21 a 30 anos	7	35
31 a 40 anos	5	25
41 a 50 anos	5	25
Acima de 50 anos	3	15
Bacharel em Enfermagem		
Há menos de 1 ano	1	5
Entre 1 e 4 anos	4	20
Entre 4 e 8 anos	6	30
Acima de 8 anos	9	45
Curso técnico em Enfermagem		
Sim	7	35
Não	13	65

Pós-graduação		
Sim (14 especialização, 1 MBA)	15	75
Não	5	25
Curso sobre Administração e/ou Gestão do Trabalho em Saúde		
Sim	8	40
Não	12	60
TOTAL	20	100

Fonte: Elaboração própria (2021).

Observou-se a predominância do sexo de nascimento feminino (85%) e de enfermeiros de diferentes faixas etárias, sendo 50% deles com idade entre 31 e 50 anos, 35% com até 30 anos e 15% acima de 50 anos.

Quanto à formação, 45% concluíram o curso de bacharel em enfermagem há mais de 8 anos, e além do curso de bacharel, 35% dos pesquisados também cursaram o curso técnico em enfermagem.

Ainda sobre a formação, 75% possuem curso de pós-graduação, a nível de especialização e MBA, sendo alguns dos enfermeiros com até 3 especializações.

As áreas das pós-graduações predominantes foram: Urgência e Emergência (6), UTI (4), Saúde da Família (4) Administração Hospitalar (3).

Quando questionados sobre terem feito algum curso sobre a temática administração e/ou gestão do trabalho em saúde, apenas 40% afirmaram ter cursado, há mais de 4 anos, porém de forma integrada às pós-graduações.

Na tabela 2 estão dispostos os dados que identificam a atuação e afinidade dos enfermeiros acerca do trabalho na ESF.

Tabela 2: Caracterização da atuação profissional e a afinidade pela área de atuação dos enfermeiros da ESF de Paraíso do Tocantins, Tocantins, Brasil.

Características	N	%
Tempo de atuação na enfermagem		
Há menos de 1 ano	1	5
Entre 1 e 4 anos	4	20
Entre 4 e 8 anos	5	25
Acima de 8 anos	10	50
Tempo de atuação na ESF		
Há menos de 1 ano	3	15

Entre 1 e 4 anos	5	25
Entre 4 e 8 anos	8	40
Acima de 8 anos	4	20
Trabalhou em outros municípios e/ou estados		
Sim	6	30
Não	14	70
Área que mais atuou profissionalmente		
Atenção Primária em Saúde – APS	11	55
Atenção Secundária em Saúde – ASS	8	40
Atenção Terciária em Saúde – ATS	1	5
Gestão em Saúde	0	0
Docência e Pesquisa	0	0
Outras	0	0
Área com maior afinidade		
Atenção Primária em Saúde – APS	10	50
Atenção Secundária em Saúde – ASS	8	40
Atenção Terciária em Saúde – ATS	1	5
Gestão em Saúde	1	5
Docência e Pesquisa	0	0
Outras	0	0
TOTAL	20	100

Fonte: Elaboração própria (2021).

Identificou-se que 50% dos pesquisados atuam na enfermagem há mais 8 anos, 25% entre 4 e 8 anos, 20% entre 1 e 4 anos, e apenas 1 profissional (5%) há menos de 1 ano.

Acerca do tempo de atuação na Estratégia de Saúde da Família, 40% possuem experiência entre 4 e 8 anos, 25% entre 1 e 4 anos, 20% há mais de 8 anos, e apenas 15% menor que 1 ano.

Quando questionados se atuaram em outros municípios e estados, a maioria afirmou não (70%). Entre os que afirmaram sim (30%), o período de trabalho compreendeu de 1 a 4 anos, sendo que apenas 1 dos pesquisados atuou fora do estado do Tocantins.

Ainda sobre a experiência profissional dos enfermeiros, 55% atuaram predominantemente na Atenção Primária em Saúde (APS), 40% na Atenção Secundária em Saúde (ASS) e 5% na Atenção Terciária à Saúde (ATS). Quanto a afinidade, 50% se identificam com a APS, 40% com a ASS, 5% com ATS e 5% com a Gestão em Saúde, conforme apresentado na tabela 2.

4. DISCUSSÃO

A predominância do sexo de nascimento feminino (80%) neste estudo, reafirma a enfermagem caracterizada durante muitos anos como uma profissão feminina, sendo

exercida por mulheres com a premissa do cuidar, devido influência histórica patriarcal sobre as funções maternas (GUGEL, DUARTE, LIMA, 2020).

A enfermagem é exercida, majoritariamente, por mulheres, tanto em seu nível técnico como no nível superior. A participação de homens na enfermagem atualmente é de aproximadamente 15%, abrangendo todos os níveis de atuação. Porém, esse número cai para 12% quando delimitamos apenas os enfermeiros. Desde a década de 1990, a representação da enfermagem por homens demonstra um crescimento constante e gradual (COFEN, 2013).

A divisão de acordo com o sexo de nascimento ou identidade de gênero no trabalho trata-se de uma forma de divisão social, baseada em dois princípios de organização: o de separação, considerando que existem trabalhos de homens e de mulheres, e o de hierarquia, em que o trabalho dos homens é mais valorizado comparado ao das mulheres (LEITE, 2017).

De acordo com Bezerra e Ferreira (2017) essa divisão não se limita apenas a divisão de tarefas domésticas, mas também no mercado de trabalho, onde profissões definidas historicamente como femininas (enfermagem, pedagogia, serviço social, entre outras), são relacionadas ao cuidado e as profissões definidas como masculinas (engenharias, administração, medicina, entre outras) são relacionadas às áreas de produção, exatas e biomédicas.

Ao analisar sob a perspectiva das profissões consideradas femininas e masculinas, homens em profissões masculinas podem ter maior remuneração que em profissões femininas ou integradas, correspondendo a 58%. Porém as mulheres, tendem a receber 60,1% a mais nas profissões consideradas masculinas se comparado a profissões integradas. Portanto, percebe-se uma maior valorização das profissões que concentram maior participação masculina. Quanto aos salários esperados por mulheres e homens em profissões masculinas, as mulheres ainda recebem cerca de 19% menos que os homens (MADALOZZO, ARTES, 2017).

Considerando que os participantes dessa pesquisa, eram servidores públicos municipais, cuja remuneração é padronizada, esta não foi variável de estudo. Porém, num outro estudo sobre escolhas profissionais e impactos no diferencial salarial entre homens e mulheres, foi evidenciado que em profissões integradas, o salário médio dos homens é cerca de 34% superior ao salário das mulheres. Semelhante ao percentual nas profissões femininas, em que a média salarial dos homens é 37% maior do que a das mulheres. Contudo, ao analisarmos as profissões masculinas, essa situação se inverte, visto que a

média salarial das mulheres é 16% maior comparada a dos homens (MADALOZZO, ARTES, 2017).

Diante disso, é possível relacionar que existem diferenças significativas tanto nas características dos indivíduos que escolhem profissões tradicionais como na forma que são remunerados, assim como a predominância das mulheres na enfermagem. Como este estudo corrobora com os dados acerca de gênero disponíveis na literatura, se faz necessário novos estudos que identifiquem planos de valorização e respeito do profissional, independente do gênero, mas pelas suas habilidades e competências, sabendo que isso pode influenciar diretamente em sua produtividade nos serviços de saúde oferecidos. Assim como estimular o ingresso e reconhecer a colaboração dos homens na enfermagem.

A maioria dos enfermeiros que participaram da pesquisa (85%) tem idade entre 21 e 50 anos, portanto, foi possível envolver no estudo profissionais que estavam iniciando a jornada profissional, assim como aqueles que já declinavam para a aposentadoria. Ainda quanto à idade, 35% tinham menos de 31 anos de idade, e 55% tinham concluído o curso de bacharel em enfermagem há menos de 8 anos, com isso, é possível inferir um processo de rejuvenescimento da profissão, predominantemente, por jovens. Esses números podem ser associados a maior oferta de cursos nos últimos anos, respaldando significativamente no aumento de concluintes no país (MACHADO et al. 2016).

Quanto a esse aspecto, reflete-se sobre o interesse, a disposição, a segurança, o entusiasmo e a motivação em cada uma dessas fases profissionais, sendo que para o ingresso e recolocação no mercado de trabalho a idade tem sido um critério de seleção, assim como a iniciativa, interesse, persistência e bom desempenho de suas atribuições.

Em um estudo realizado na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, a pouca idade e a imaturidade foram citadas como dificultadores para o recém-formado em enfermagem ingressar no mercado de trabalho (PÜSCHEL et al. 2017).

De acordo com o Perfil da Enfermagem no Brasil (COFEN, 2013), o mercado de trabalho brasileiro é constituído majoritariamente por profissionais de Enfermagem jovens, com idade entre 26 e 35 anos (38%) e que se formaram há até dez anos (53,20%); ou seja, são profissionais que estão no início de sua carreira profissional, ou ainda aprimorando sua qualificação para o exercício, através de curso de aperfeiçoamento ou pós-graduação.

Vale ressaltar, que profissionais da enfermagem com idade entre 36 e 50 anos de idade correspondem a 40% dos profissionais da categoria. Portanto, há em média de 91,20% dos profissionais de Enfermagem com idade entre 26 e 50 anos atuando no Brasil, revelando assim uma categoria profissional jovem. Ainda em relação a essa característica,

acredita-se que aos 50 anos de idade, esses profissionais já tenham atingido sua maturidade, optado e vivenciado os diferentes caminhos profissionais, aprimorado o trabalho e atingido potencialidades que contribuam positivamente para a valorização e evolução da profissão (SAMPAIO, FRANCO, 2016).

A maioria dos enfermeiros pesquisados neste estudo, representando 45%, concluíram o curso de enfermagem há 8 anos, sendo que 35% fizeram também o curso técnico em enfermagem. Considerando o estudo do COFEN (2013), a maioria dos enfermeiros atuantes no Brasil concluíram o curso há 5 anos (37,8%), seguido pelos que concluíram entre 6 e 10 anos (25,9%). Ainda sobre a formação, 31,4% dos enfermeiros tinham feito o curso técnico em enfermagem antes de ingressar no curso de bacharel em enfermagem.

A enfermagem possui uma força de trabalho jovem de acordo com o Perfil da Enfermagem no Brasil (COFEN, 2013), e considerando o tempo de atuação, 46,3% atuam entre 2 e 10 anos, e 34,3% entre 11 e 30 anos. Nos polos extremos, temos ainda aqueles com menos de 2 anos no mercado de trabalho (6,9%); do outro, poucos são os que se encontram com mais de 31 anos de atividade (3,1%).

E utilizando-se a classificação de “Fases da vida profissional”, na 1ª Fase, denominada de ‘Início da vida profissional’ aqueles com menos de 2 anos de formado estão 6,9% da equipe, somando mais de 125 mil trabalhadores. Já na 2ª Fase, ‘Formação profissional’, concentram-se 46,3%, constituindo-se no maior contingente. São aqueles inseridos no mercado de trabalho entre 2 e 10 anos, representando quase metade de toda a equipe, ou seja, mais de 800 mil. Na 3ª Fase, denominada de ‘Maturidade Profissional’ encontra-se o contingente que já adquiriu capacitação e/ou formação, capaz de permitir realizar escolhas profissionais. Estão contidos nessa, aproximadamente, 600 mil, o que representa 34,3% do total. Na 4ª Fase, ‘Desaceleração da vida profissional’, é possível perceber o claro movimento de redução de suas atividades e até mesmo, precocemente, a própria aposentadoria. Encontram-se nesta fase em torno de 3% representando pouco mais de 50 mil. E na 5ª Fase, ‘Aposentadoria’, está, naturalmente, o menor número de pessoas, somando apenas 0,1%, ou seja, em torno de 5 mil profissionais (MACHADO et al. 2015).

Quanto ao aprimoramento dos enfermeiros participantes deste estudo, 75% possuem curso de pós-graduação, a nível de especialização e MBA, sendo alguns dos enfermeiros com até 3 especializações. Porém, o que chamou atenção foram as pós-graduações cursadas serem predominantes de áreas distintas à ESF e APS, sendo elas Urgência e Emergência, Unidade de Terapia Intensiva e Administração Hospitalar. Apenas 20% deles, com especialização na área de Saúde da Família, além dos 25% que não tinham nenhum

curso de aprimoramento. Percebeu-se que, o grupo etário com predominância de especialização em saúde da família foi dos que tinham idade acima de 50 anos, porém, estes afirmaram ter mais afinidade com a assistência hospitalar.

O aprimoramento da atuação do enfermeiro se dá principalmente pela formação contínua e vivências profissionais, trata-se de uma constante atualização em busca de novos conhecimentos e aquisição de práticas e abordagens mais efetivas. Através das pós-graduações, o enfermeiro pode obter conhecimentos específicos de determinada área profissional, que não foram abordados de maneira integral durante o curso de bacharel em enfermagem, visto que se trata de uma formação generalista. A pós-graduação objetiva desenvolver habilidades e competências de acordo com a área de atuação, portanto, de maneira específica e direcionada.

A maior parte dos enfermeiros (70%) trabalharam até o momento da pesquisa, exclusivamente no município de Paraíso do Tocantins, não vivenciando assim outras realidades e processos de trabalho de outros municípios ou estados. Sabe-se que a vivência profissional tem grande potencial para o aprimoramento dos serviços de enfermagem, e quando ocorre em contextos diferentes estimula a capacidade de resiliência do profissional, aumentando assim suas competências e habilidades.

Outra evidência que chamou atenção, mostra que 60% dos enfermeiros não possuem nenhum curso sobre a temática de administração e gestão do trabalho em saúde, partindo do pressuposto de que este, subsidiaria sua atuação como gestor ou coordenador da equipe ESF na APS. Evidência essa, alinhada ao baixo percentual de enfermeiros com pós-graduação em Saúde da Família, denota preocupação.

Como o enfermeiro da ESF desenvolve funções assistenciais e de gestão da UBSF, para a profissionalização desta última, chama atenção o baixo percentual daqueles que fizeram curso sobre a temática para tal atribuição. Gerir, manter e coordenar uma equipe, um estabelecimento de saúde e os serviços prestados à comunidade, exige conhecimentos específicos, que infelizmente, muitos consideram apenas o curso de bacharel em enfermagem como curso preparatório (OHIRA, JÚNIOR, NUNES, 2014).

O trabalho possui sua importância de caráter social, permitindo relações interpessoais e contribuições para sociedade a curto, médio e longo prazo. Ele exige, por vezes, entrega intelectual e/ou física, e não apenas disposição de tempo diário. Trata-se de uma forma de produzir condições materiais de vida, de provisão da subsistência, que cria sentidos existenciais e contribui na construção da identidade e da subjetividade das pessoas (SOUZA, 2017).

Diante desse pressuposto, questiona-se os motivos para 50% dos enfermeiros afirmarem ter afinidade com a APS e ESF, e os demais se identificam com outros níveis de atenção à saúde, principalmente à assistência hospitalar, com abordagens e jornadas de trabalho diferentes da APS. Acredita-se que essa afinidade, envolvimento e/ou pertencimento do profissional em sua área de atuação possa influenciar diretamente no processo de trabalho e respectiva produtividade, visto que os objetivos e dinâmica de trabalho são peculiares a cada área de atuação.

É possível relacionar a esses dados, a compreensão deficiente dos níveis de atenção à saúde no SUS e da rede de atenção à saúde tanto pelos usuários como pelos profissionais, visto que a conduta dos profissionais pode ser de acordo com sua percepção e afinidade. Logo, podem estar no contexto da APS, onde deveriam ser desenvolvidas ações de prevenção de agravos e promoção da saúde, porém com abordagens curativistas e de medicalização, correspondentes a ASS.

Essa deficiência pode contribuir para pouca resolutividade da APS; falhas no acolhimento e encaminhamento dos usuários, além da peregrinação nos diferentes serviços de saúde, refletindo assim na sobrecarga dos hospitais, e resultados insatisfatórios dos indicadores que avaliam a qualidade da atenção à saúde.

De acordo Freire (1999), o comprometimento com o trabalho se origina da identificação do indivíduo com a organização e seus objetivos, onde se manifesta o desejo de se pertencer a ele, pois quando o trabalhador se reconhece nas normas e valores do trabalho, passa a se comprometer cada vez mais com ele.

A afinidade pode resultar num maior comprometimento do profissional com o trabalho, porém segundo Cruz et al. (2014) podem existir aspectos diferentes entre o comprometimento no setor público e no setor privado. Os autores argumentam que existem características do serviço público que podem limitar o profissional, quando não são identificados e gerenciados pela gestão pública. Exemplificam que o ingresso no setor público, na maioria das vezes, não há perspectiva de mudança de cargos, promoções ou reconhecimento por desempenho, gerando assim frustração em relação às necessidades de crescimento pessoal, autossatisfação e realização do seu potencial profissional.

Acerca disso é importante ressaltar a influência dos vínculos de trabalho desses enfermeiros, sendo efetivos (concursados) e comissionados (contratos temporários). Quando o vínculo se dá por contrato temporário, percebe-se uma rotatividade dos profissionais nos serviços públicos, e esta pode comprometer o desenvolvimento e a

produtividade no processo de trabalho. E quando se dá por concurso público, percebe-se o que foi apresentado por Cruz et al. (2014) no parágrafo anterior.

Atualmente o mercado de trabalho, em seus diferentes níveis de complexidade e eixos de atuação, exige um perfil moderno do profissional enfermeiro, que seja dotado de competências e habilidades que compreendam e atendam às necessidades atuais. Estudos mostram um crescimento significativo do empreendedorismo na enfermagem, tanto relacionado a busca dos enfermeiros por mais autonomia e aquisição do seu próprio negócio, quanto pela busca do conhecimento empreendedor, para ser aplicado e suas rotinas de trabalho nos serviços públicos e privados de saúde (DUARTE, SANCHES, 2019).

Com o avanço tecnológico e do meio digital, a formação e atuação do profissional enfermeiro tem sofrido diversas mudanças e se submetido a diferentes exigências. A tecnologia evidencia novos saberes e formas de cuidar, sendo necessário a constante atualização dos enfermeiros, para que a utilize de forma responsável e racional, partindo de seu senso crítico e reflexivo. A tecnologia deve ser utilizada com criatividade, sensibilidade e humanização para oferecer novas abordagens do cuidado através de suas ferramentas tecnológicas. Portanto, se faz necessário que os enfermeiros dominem o uso de computadores, notebooks, smartphones, aplicativos e softwares, entre outros dispositivos para complementar, agilizar e aprimorar suas atividades profissionais (FERREIRA et al. 2020).

Diante dos dados, e corroborando com demais estudos, percebe-se o quanto o perfil de formação e de atuação do enfermeiro pode interferir na qualidade dos serviços de saúde oferecidos na APS.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do perfil dos enfermeiros das equipes de ESF e sua relação com a APS compreendeu-se que o perfil do profissional pode influenciar sua perspectiva de trabalho, considerando principalmente sua idade e formação profissional. Destaca-se a categoria profissional de enfermagem, por atualmente ser representada por uma força de trabalho jovem, pelo aumento expressivo de escolas de enfermagem e o processo natural de evolução da profissão.

Ainda quanto ao perfil dos enfermeiros, chamou atenção o quantitativo de profissionais especializados, podendo constatar que a classe profissional está em sua busca constante por aprimoramento, fortalecendo de forma direta e indireta à classe

profissional. Porém, no que tange a APS, preocupa as especializações não serem direcionadas ao seu campo de inserção, podendo dessa forma, terem uma perspectiva e atuação no trabalho que não corresponda ao nível de atenção e às necessidades dos serviços de saúde.

Por se tratar de enfermeiros que fazem a gestão dos serviços de saúde e da equipe de ESF, a formação acerca da liderança, administração e gestão do trabalho em saúde se mostrou muito pouco presente entre os pesquisados, evidenciando um fator que pode comprometer o protagonismo do enfermeiro em suas atribuições de gestão.

O perfil dos profissionais pesquisados, ainda mostra uma afinidade e tempo de atuação dividido predominantemente entre a APS e ASS, áreas essas que possuem objetivos, abordagens, complexidade e cenários de trabalho diferentes, que, quando não estão bem delimitados pelo enfermeiro, podem generalizar o cuidado, desconsiderando as peculiaridades de cada nível, assim, não atingido a sua integralidade em nenhum dos dois.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, B. D. G., FERREIRA, G. H. L. Divisão sexual do trabalho: rebatimentos da lógica patriarcal na vida das mulheres. **Revista Includere**. v. 3 n. 1, 2017. Universidade em Movimento: Educação, Diversidade e Práticas Inclusivas. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7425> Acesso em 09 jun 2020.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Fiocruz, Fundação Oswaldo Cruz Brasília. **Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil"**, [Internet]. 2013. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO Brasil_Final.pdf](http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO%20Brasil_Final.pdf) Acesso em: 09 jun 2020

CRUZ, L. J.; QUEIROZ, N. S.; LIMA, G. S. Motivação, comprometimento e sofrimento no trabalho do setor público: um estudo de caso em uma universidade pública de Sergipe. **Revista Administração em Diálogo**, v. 16, n. 2, p. 87-116, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/12031> Acesso em: 15 mai 2020

DUARTE, A. P.; VASCONCELOS, M.; SILVA, S. V. A Trajetória Curricular da Graduação em Enfermagem no Brasil. **Revista Eletrônica de Investigação e Desenvolvimento**. v. 01, n° 07, 2016, p. 50-63. Disponível em: <http://reid.ucm.ac.mz/index.php/reid/article/view/120/116> Acesso em: 24 ago 2020

DUARTE, A. S. C.; SANCHES, C. Enfermeiro e suas competências empreendedoras. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 4, n. 4, p. 91-129, jul-ago, 2019. Disponível em: <http://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/258/241> Acesso em: 15 mai 2020

FERREIRA, A. G. et al. Influência da filosofia no uso da tecnologia em enfermagem: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n.4, e156943026, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3026/2287> Acesso em: 14 set 2020

FREIRE, J. R. Comprometimento Organizacional e a Satisfação no Trabalho: Uma Análise da Gestão de Recursos Humanos. **Revista Administração em Diálogo**. São Paulo/SP, 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/12506/9071> Acesso em: 27 jul 2020

GUGEL, S. C. R.; DUARTE, C. S.; LIMA, A. P. L. Valorização da enfermagem brasileira: analisando aspectos históricos e de gênero. **Revista Nursing**, v. 23, n. 264, p. 3930-3933, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i264p3930-3937> Acesso em: 09 out. 2021.

JUNIOR, E. P. P., AQUINO, R., MEDINA, M. G., SILVA, M. G. C. Efeito da Estratégia Saúde da Família nas internações por condições sensíveis à atenção primária em menores de um ano na Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública** 2018; 34(2):e00133816. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v34n2/1678-4464-csp-34-02-e00133816.pdf> Acesso em: 21 maio 2020

LEITE, M. P. Gênero e trabalho no Brasil: os desafios da desigualdade. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 8, ago. 2017. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180411000424id_/https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/viewFile/144/pdf Acesso em: 09 out. 2021

MACHADO, M. H. et al. Aspectos gerais da formação da enfermagem: o perfil da formação dos enfermeiros, técnicos e auxiliares. **Enferm. Foco** 2016; 6 (2/4): 15-34 Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/687/297> Acesso em: 15 jun 2020

MACHADO, M. H. et al. Mercado de Trabalho da Enfermagem: aspectos gerais. **Enferm. Foco** 2015; 6 (1/4): 43-78 Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301> Acesso em: 15 jun 2020

MACHADO, M. H.; NETO, F. R. G. X. Gestão da Educação e do Trabalho em Saúde no SUS: trinta anos de avanços e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(6):1971-1980, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v23n6/1413-8123-csc-23-06-1971.pdf> Acesso em: 24 ago 2020

MADALOZZO, R.; ARTES, R. Escolhas profissionais e impactos no diferencial salarial entre homens e mulheres. **Cadernos de Pesquisa** v.47 n.163 p.202-221 jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v47n163/1980-5314-cp-47-163-00202.pdf> Acesso em 09 jun 2020

MARINHO, A. S. **Competências Gerenciais na Atenção Primária: Avaliação das Habilidades Sociais de Enfermeiras Gestoras em Equipes de Saúde da Família**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. (2018) Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica – RJ. Disponível em:

<https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/2616/2/2018%20-%20Alessandro%20Sim%c3%b5es%20Marinho.pdf> Acesso em: 27 set 2020

MENDES, E. V. **A construção social da atenção primária à saúde.** Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília: CONASS; 2019. Disponível em: <https://www.conass.org.br/biblioteca/a-construcao-social-da-atencao-primaria-a-saude-2a-edicao/> Acesso em: 22 maio 2020

OHIRA, R. H. F., JUNIOR, L. C., NUNES, E. F. P. A. Perfil dos gerentes de Atenção Primária à Saúde de municípios de pequeno porte do norte do Paraná, Brasil **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 19, núm. 2, enero-febrero, 2014, pp. 393-400 Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v19n2/1413-8123-csc-19-02-00393.pdf> Acesso em: 10 jul 2020

PÜSCHEL, V. A. A., COSTA, D., REIS, P. P., OLIVEIRA, L. B., CARBOGIM, F. C. O enfermeiro no mercado de trabalho: inserção, competências e habilidades. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2017;70(6):1220-6. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v70n6/pt_0034-7167-reben-70-06-1220.pdf Acesso em: 15 jun 2020

SAMPAIO, M. R. F. B., FRANCO, C. S. Mercado de trabalho da enfermagem: aspectos gerais. **Enferm. Foco** 2016; 7 (ESP): 35-62 Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/700> Acesso em: 15 jun 2020

SODER, R., OLIVEIRA, I. C., SILVA, L. A. A., SANTOS, J. L. G., PEITER, C. C., ERDMANN, A. L. Desafios da gestão do cuidado na atenção básica: perspectiva da equipe de enfermagem. **Enferm. Foco** 2018; 9 (3): 76-80 Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1496> Acesso em: 22 mai 2020

SOUZA, J. M. **Sentidos do Trabalho e o Envelhecimento:** Um Estudo de Caso com Adultos Maduros que Atuam como Corretores de Imóveis. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/171252> Acesso em: 10 jul 2020